

UM QUINHENTISTA DO SÉCULO XX

Clóvis Monteiro

Se fosse lícito falar seriamente das ficções poéticas dos antigos no ambiente das sociedades modernas, poder-se-ia dizer, com exatidão, que as mesmas Musas que inspiraram os mais delicados líricos portugueses do Renascimento tinham vindo acolher-se, depois de andarem tanto tempo erradias, na alma contemplativa de um brasileiro do século XX.

Os versos desse brasileiro, que timbrava em ser clássico e que se chamou José de Abreu Albano, apareceram há pouco mais de três décadas, quando a música das rimas raras e os europeus da velha escola parnasiana iam já perdendo o seu encanto e o seu prestígio.

Era José Albano natural do Ceará, onde o conheci, mas educara-se nos grandes centros europeus, por onde habitualmente peregrinava, a procurar de certo as emoções que o seu estranho temperamento requeria e que nem a natureza, nem o espírito do Novo Mundo lhe despertavam. Onde quer, porém, que se achasse, não se sentia o poeta à vontade. E' que padecia de um mal para que nos poetas não há remédio: aquela amargura eterna de quem não pode nem quer adaptar-se à vida que tem de viver. Ele próprio o confessava:

Tudo que sinto e padeço
Posso descrever assim:
O prazer não tem comêço
E a tristeza não tem fim.

Em 1917 começaram a divulgar-se em Fortaleza algumas produções de Albano, já impressas no estrangeiro, desde 1912.

Outras foram ainda editadas, no ano seguinte, naquela mesma cidade, onde o poeta permaneceu enquanto durou a guerra europeia. Apenas contudo, se havia celebrado a paz, à Europa novamente se transferiu e em Paris veio a falecer, há alguns anos, sem duvida só, como sempre quisera viver, e incompreendido.

Parece que os versos de José Albano não causaram fora do Ceará impressão igual à que lograram alí onde eram carinhosamente lidos, admirados e louvados até pelos que pouco ou nenhum trato tinham com as letras clássicas. No Rio, por exemplo, foram recebidos com tal ou qual frieza e alguma palavra que sobre eles registrou a imprensa longe esteve de exprimir a justiça que ao seu autor se devia. E' natural, com efeito, que os cantos de José Albano, embora doridos, não falem ao coração de toda gente. O seu lirismo, na essencia, é o mesmo lirismo dos primeiros clássicos portugueses. Além disso, a língua que usava Albano era a dos quinhentistas, em geral sem acrescentar palavra ou expressão nova e os metros que preferia eram também os que haviam preferido os líricos do século XVI, principalmente os bucólicos. Tudo isso realmente poucos atrativos há de encerrar para o comum dos espíritos formados no século em que estamos. Mas é de ver com que delicadeza e com que talento se assenhoreou o poeta desses elementos para produzir obra de arte! E não será talvez razoavel se esquive a crítica de julgá-lo na posição em que deliberadamente se colocou, alheio ao mundo e às influências literárias do seu tempo, entregue tão somente a dar seiva e forma ao seu ideal artístico. E era incontestavelmente artista quem fazia versos como estes:

TROVAS COM ECO

Debaixo desta alta fronde
Ninguém me ouvirá gemer
Co'a tristeza e desprazer
Que dentro da alma se esconde.

Eco

Onde?

Chorai, olhos meus, chorai,
Que eu não abafo o que sinto!
No coração quase extinto
Quanto tormento me vai!

Eco

Ai!

Eco Saudoso e brando,
Que tens compaixão de mim,
Se sabes gemer assim.
Andas acaso pensando?

Eco

Ando.

Dura sorte o Céu te deu,
Mas eu sou mais desgraçado,
Pois quem por ordem do fado
Tem pesar igual ao meu?

Eco

Eu.

Os conhecimentos literarios de José Albano, que era poliglota e costumava versejar em varias linguas, iam muito além da medida vulgar. Entretanto a fidelidade cega, à escola clássica nunca lhe permitiu ver com simpatia os autores que a ela não fossem filiados. Não se isentavam do seu desdem nem as figuras mais representativas das modernas literaturas, assim refletissem espírito novo ou novas tendências estéticas. A alguém que lhe pediu certa vez trasiadasse para a lingua portuguesa um trecho de Rostand, não escondeu o seu espanto e a sua magoa por se ter admitido a possibilidade de ser por ele aceita tal incumbência. . .

Acima, contudo, da inclinação para os modelos clássicos estava no poeta o alheamento das paixões terrenas. Quando a palavra Amor, no sentido comum de afeição a alguma, aparece nos seus versos, não expressa mais que um sentimento puramente ideal. Nem sequer as expansões de amor platônico dos sonetos de Camões, modelo que sempre observou de perto, influíram no seu estro ao ponto de fazê-lo idealizar, como o

mestre, um determinado tipo em louvor de quem tirasse harmonias da sua lira. O poeta falava vagamente de sonhos e de esperanças, de ventura e de saudade, de ilusões e de desenganos, mas o que pintava nos seus versos era o estado penoso de uma alma a quem no mundo nada há que seduza e que sofre e se lamenta num “cativeiro” — a vida. Esse sofrimento sem causa definida e real era o tema preferido por José Albano para as redondilhas e ainda lhe deu matéria para primorosos sonetos endecassílabos:

Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana, mas tão pouco dura,
E inda choro o rigor da sorte escura,
Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noite e dia
E só com saudades me atormento;

Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento,
Senão de ter cantado o que sofria.

—(0)—

Ditoso quem foi sempre desamado
Nem nunca outro qualquer contentamento,
Que lhe promete estado venturoso
Para depois deixá-lo em triste estado.

Já me todo agora persuado
De que não pode haver brando repouso
E do affecto mais doce e deleitoso
Se gera às vezes o maior cuidado.

Não quero boa sorte nem sonhá-la,
Pois logo passa, apenas se revela,
Com uma dor que outra nenhuma iguala.

Mas quem desconheceu benigna estrela,
Se não teve a alegria d'alcançá-la,
Nunca teve o desgosto de perdê-la.

Das formas líricas que em Portugal entraram em voga no século XVI não foi o soneto a que José Albano menos cultivou. E' de notar porém, que os sonetos do vate cearense são quase todos místicos. E ver-se há, pelas obras primas que abaixo transcrevo, se o gênero se encontrará facilmente quem o supere em nossa língua:

Bom Jesus amador das almas puras
Bom Jesus, amador das almas puras,
De ti veem as serenas esperanças,
De ti veem as angélicas doçuras.

Em toda parte vejo que procuras
O pecador ingrato e não descanças,
Para lhe dar as bem-aventuranças
Que os espíritos gozam nas alturas.

A mim, pois, que de mágoa desatino
E noite e dia em lágrimas me banho,
Vem abrandar o meu cruel destino.

E terminado este degredo estranho,
Tem compaixão de mim, Pastor Divino,
Que não falte uma ovelha ao teu rebanho.

Mata-me, puro Amor, mais docemente,
Para que eu sinta as dores que sentiste
Naquele dia tenebroso e triste
De suplício implacável e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente
E de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saudoso não resiste
E o coração cansado já consente.

E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno rumo.

E, abrindo as asas para o eterno abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te siga.

Versejava José Albano, conforme atrás assinalei, em várias línguas. Entre as produções que mandou imprimir e lançou à publicidade em 1918, em Fortaleza, figuram quatro sonetos em inglês. Todavia os desvelos consagrados a idiomas estrangeiros, em que se exprimia, falando ou escrevendo, com facilidade e correção, não arrefeceram nele alguma vez o entusiasmo pela língua materna, “em que mel com aroma se mistura”, como disse, e cujo “sublime aspecto outros andam d’ornamentos estranhos encobrindo”. Desejava o poeta vê-la sempre “meiga e pura, naquela singeleza primitiva”, e por isso não tolerava a dureza com que a haviam tratado, no seu sentir e no seu entender, certos arcades que temos na melhor estima e cujos meritos não nos cansamos de apregoar. As suas idéias neste particular gravou-as numa peça de excepcional valor — a “Ode à Língua Portuguesa”, da qual, sem receio de enfastiar os leitores, reproduzo em seguida algumas estrofes:

Quanta e quamanha dor me surge e nasce
De nunca ouvir aquele antigo estilo.
Mas eu fiz que ele aqui se renovasse,
Para que o mundo assim pudesse ouvi-lo.
E com todo o poder d’engenho e d’arte
Foi sempre o meu desejo
Ver-te qual te ora vejo — e celebrar-te.

Ah! como assim me enlevas e me encantas,
Ora chorando e rindo ora gemendo;
E se te outros ofendem vezes tantas.
Embora solitário eu te defendo:
Eu te defenderei sem ter descanso
E em luta não ingloria
Tu verás que a vitória — e palma alcanço.

E em pago disto peço que me imprimas
Maior ternura na alma e não me agraves;
Dá-me versos dulcíssimos e rimas
Eternas, peregrinas e suaves:
Dá-me uma voz melodiosa e amena,
 Para que noite e dia
Diga a minha alegria — e a minha pena.

E não quero um som alto e retumbante
Para cantar d'amor ao mundo atento,
Pois não há língua que d'amor não cante
Mas nenhuma traduz o meu tormento:
Nenhuma se conhece que traslade,
 Afora tu somente
 Do coração doente — a saudade.

Poderão porventura, portugueses e brasileiros consentir
que se esqueça o nome de quem tanto amou e glorificou a língua
de Camões? Seria da parte dos primeiros uma ingratidão
e dos segundos uma injustiça.